



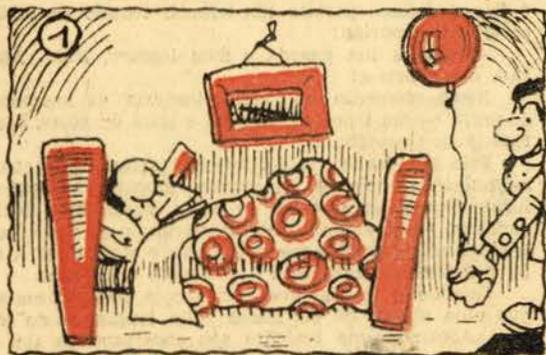
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

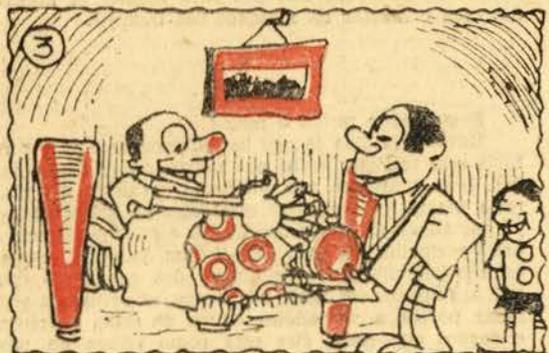
O CASTIGO DO GULOSO



Por ser muito gulotão,
ou fôsse pelo que fôsse,
o menino Quim Leitão
comeu imenso arrôz doce
e teve uma indigestão.



O Zéquinha, irmão mais velho,
pra castigar o mostrengo,
leva-lhe um balão vermelho,
fingindo um queijo flamengo,
e apresenta-o ao fedelho.



Em face do belo ensejo
para a sua imensa gula,
O Quim agarra-se ao queijo
e, mesmo na cama, pula,
dando no Zecas um beijo.



Mas, assim que o gulotão
lhe crava um dente ou mais de um,
o suposto queijo, então,
dá tamanho estoíro: — «Pum!...»
que o Quim até cai no chão!



FERNANDA DE MATOS E SILVA-DYNETTE

Continuado do numero anterior

—Que Deus, Nosso Pai os acompanhe e guarde, cavaleiros, e já que ides combater em seu santíssimo nome, levantai bem alto a vossa alma. Aquele que feito mais meritório fizer, terá em recompensa o meu coração e a minha vida. Partí, primos e senhores meus, e voltaí um dia, muito em breve!—exclamou, sorrindo, entre lágrimas, com o mesmo tímido sorriso que tem o sol fulgindo entre desoladas nuvens de tristeza.

Quando, já todos montados, se aprestavam a partir, Adozinda desprezando o comedimento dos seus modos, correu a abraçar mais uma vez o pai, que, curvado sobre o nobre corcel de batalha, a acolheu nos braços amorosamente.



Levai minha alma convosco, senhor pai? Porque me deixais?—murmurou apaixonadamente a soluçar.—Mas ele voltou logo, firme e meigo:

Os homens fizeram-se para batalhar, filha minha, e eu ainda não cheguei á idade de ficar metido em casa como velho alquebrado ou dona assustadica. E tu, Adozinda, tens que mostrar-te forte e digna do teu nome; uma mulher nunca chora diante dos que vão partir. Deixo contigo a ventura, filha minha, mas hei-de voltar, cré em Deus! E, voltando-se para uma velha dama erecta

e fria que mais parecia um homem vestido de mulher, exclamou comovido:

—Deixo á tua guarda o meu tesouro, irmã. Ampara-a e conforta-a!

Nesse momento os pagens tocaram as charamelas de prata e num tropel de cavalos e grita de vozes, afastaram-se os Cruzados.

Pela montanha abaixo, levavam através dos campos adormecidos o clamor de guerra; montantes, lanças reluzindo ao sol como raios de prata, estandartes desfraldados ao vento como flores de sangue ou de mil cores, e a todas sobranceira a bandeira alva e pura onde a cruz do Salvador se desenhava a vermelho e dourado.

Quando o imenso grupo reluzente não foi mais do que uma nuvem de pó, numa volta longínqua do caminho, Adozinda, que resistira aos conselhos da tia, das donas e donzelas para se retirar, deixou que a levassem sem forças nem vontade, o coração imerso numa infinita tristeza.

Então a luzida comitiva da castelã sumiu-se nos umbrais majestosos da porta de castanho, chapeada de aço, e a ponte levadiça que momentos antes parecia convidar os viandantes a entrar, hospitaleiramente, levantou-se lentamente nos gonzos, puxada por possantes correntes, com um barulho soturno de ferragens.

O castelo, agora isolado e triste, sobranceiro á vila e defendido em volta pelos fundos fossos cheios de água revolta e inquietante, parecia no seu silêncio um eremita isolado do resto dos mortais, para melhor se aproximar dos céus e afastar da maldade dos homens.

* * *

Passaram-se meses e meses.

Havia três dias já que batalhavam sem cessar numa fúria sem tréguas, junto aos muros da cidade mourisca que, bem guardada por inúmeros cavaleiros infieis, parecia inacessível. Os altos minaretes de brilhantes azulejos metálicos, as torres quadradas e encimadas pela bandeira vermelha do Emir Geb-Il-Allic, pareciam troçar do esforço sobrehumano e continuo dos cavaleiros cristãos que, acampados em redor dos muros, os cercavam sem arredar pé sob a verdadeira chuva de setas envenenadas e dardos que sobre elles caía como chuva de tempestade.

«Ou morrer ou vencer», era a senha dos cavaleiros da cruz e embora muito dizimadas as suas hostes e cansados os besteiros e peões, esfomeados todos, continuavam a batalhar numa fúria que chegava quasi a ser desespero.

Na tenda principal, onde estendido sobre uma dura maca descansava o velho pai de Adozinda, reinava o mais



triste silêncio. Dois dias antes, caíra ferido numa coxa o velho senhor, já de avançada idade e esforçado heróismo, e embora o Físico (o médico nesses tempos) que com ele viera, fôsse um dos melhores de todo o reino, não conseguira esconder-lhe a gravidade do ferimento.

Deitado sobre peles de urso bravio, caçados nas frondosas matas dos seus domínios, o velho fidalgo ardia em febre e, delirando, conversava imaginativamente com Adozinda, cuja imagem não se lhe apartava do coração.

Os cavaleiros vinham visitá-lo nos poucos intervalos das batalhas, e entre eles seus sobrinhos Alvaro e, mais ameadadas vezes, Rui.

Alvaro ardia em desejos de qualquer feito estrondoso que desse maior luzimento ainda ao seu nome e lhe valesse o coração da bela condessinha de Monte-Belo, pelo que era sempre o primeiro nos ataques e o último nas retiradas, comentando zombeteiramente com os companheiros de armas, o comedimento de Rui, corajoso mas sereno.

Este, desprezando um pouco os ardores da guerra, vinha muitas vezes cuidar do velho tio.

Com extremos de carinho, como o poderia fazer um filho muito terno, humedeceia os lábios ressequidos do doente, distraía-o nos poucos momentos de lucidez e animava-o com a piedosa mentira de vitórias imaginárias.

Nessa tarde os soldados mostravam-se mais abatidos. A fome, a sede mortificando-lhes os corpos exaustos levavam-lhes ás almas a desesperança de vencer.

Alvaro combinou com um punhado de amigos tentar um «passo de armas» capaz de decidir a vitória ou apressar o termo da batalha.

Mandou, fingindo-se munido de ordens superiores, entregar a cada homem a ração que com tanta avareza guardavam para uns dias mais de resistência, e, depois de bem confortados, incitou-os a tentar um assalto á cidade desprevenida.

Tendo pedido tréguas, ninguém suspeitara que se aprestavam a um tal feito sem forças, esfomeados.

Colocando-se á frente dos enlouquecidos cavaleiros e seguidos dos peões entusiasmados, ébrios de vinho e sangue, irromperam em grita, de roldão, de encontro á porta da cidade.

Os guardas, que, embora não tivesse abandonado o seu posto, estavam desprevenidos, enganados com o pedido de tréguas dos cristãos, não puderam suster o ímpeto da arremetida.

Aberta a porta da cidade, precipitaram-se em catadupas pelas ruas estreitas e pedregosas, banindo insultos e ameaças, batalhando furiosamente com os infiéis apa-

lhados de improviso, logo aterrados por aquele súbito ataque.

Espalhou-se o pânico pela cidade. Mulheres e crianças tentavam fugir, loucos de terror ante a fúria dos assaltantes, e os sinos de prata da mesquita badalaram um aterrorizado alarme.

A frente de todos, louco de furor e entusiasmo, Alvaro, de montante em punho, feria, matava, vencia, os olhos injectados de sangue, as feições contraídas e feroces.

Mas, logo após si, um outro cavaleiro, não menos valeroso mas mais calmo, seguia-lhe os passos.

Tinhm chegado ao palácio do Emir.

Numa sala coberta dos mais preciosos azulejos de cores e de teto rendilhado de arabescos de ouro, prata e pedrarias, sentava-se num coxim de extravagantes sedas, um velho de compridas barbas grisalhas e nobre fronte majestosa. Sobre uma almofada, ajoelhada a seus pés, louca pelo terror, uma rapariga de rosto bronzeado, olhos cor da noite e compridos cabelos sedosos e anelados, de azeviche, tremia e punha as mãos a chorar.

Alvaro entrara no pátio abandonado, cercado de colunas de mármore preciosos, percorrera duas ou três salas de maravilhosa beleza e desmedido valor e, por fim, ao levantar um pesado reposteiro de veludo deparou-se-lhe o grupo formado pelo Emir e sua filha Zaira.

Levantando o montante com ambas as mãos, gritou desprezador e irado:

—Quem és tu, perro infiel, filho de Satanaz?

—Uma voz, calma e digna, respondeu-lhe:

—Sou o Emir Gab-il-Allie.

Uma sombra de espanto passou nos olhos azuis do cavaleiro.

—Porque não fizeste como os teus ministros e criados? Porque esperas, maldito?—bradou desdenhoso.

—Não sei fugir, cristão! Meu pai ensinou-me a vencer ou a ser vencido, mas a abandonar a minha casa e os meus, nunca? respondeu o velho mouro com nobre majestade.

Um olhar de cólera aqueceu o rosto pálido do cavaleiro cristão e, erguendo outra vez o montante que abalxara enquanto falara, bradou:

—Prepara-te para morrer, cão imundo, e contigo essa desprezível criatura que é tua filha?

Mas, antes que tivesse tempo de vibrar um golpe sobre a cabeça altivamente erguida do velho, um braço forte lhe susteve o seu.

Em sua frente Rui, o olhar negro fuzilando indignação, erguia para ele a sua espada.



O SONHO DE TITÓ

PEÇA INFANTIL NUM ANTE-PRÓLOGO, PRÓLOGO E UM ACTO
Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANTE-PROLOGO

Ao subir o primeiro pano, TITÓ de pijama, ajoelhado sobre o lençol de linho, reza a uma imagem, à cabeça da caminha de grades, suspensa na parede. A seu lado a avózinha preside, carinhosa e sorrindo, ao costumeado ritual.

TITÓ (*de mãos postas e erguidas*)

— Que o Pai do Céu dê saúde ao Titó
ao Papá, à Mamã, aos manos mais à avó.
E que o dia amanhã esteja lindo
para o Titó andar, rindo,
a brincar pelo jardim,
com os bonitos todos que ao menino
lhe deram de presente:
— o «Pierrot», o Arlequin
a caixa dos soldados, o «pó-pó»
e o palhacinho, enfim!
Que mais avó?!

A AVÓZINHA

— Sei lá! Que te dê tino,
Amor,
muito juízo;
que é bem preciso
à gente.
F, pronto; vá... vamos ao nosso «ó-ó»!

TITÓ

— Ah, é verdade: — e que o Nosso Senhor
faça com que o Titó
torne a fazer sete anos brevemente!

A AVÓZINHA

— Ai, que tolice, ano,
anos fazem-se só
uma vez cada ano!

TITÓ

— Ah, mas que pena, avó!
Então só para o ano é que torno a fazer
sete anos e a ter
bonitos outra vez?!





A AVOZINHA

— Não, meu amor, que patetinha que és!
Para o ano que vem fazes oito e não sete;
pois a idade da gente, amor, não se repete.

Era bom que assim fosse, porque assim,
a tua avó,
Titó,
em vez de ter oitenta
tinha quarenta
só!

E em vez de eu ser velhinha como sou,
era uma rapariga! Mas... enfim,
graças a Deus só dou
por ter um lindo neto que vai já
fazer o seu «ó-ó».

E sonhar e sonhar! Sonhar que está
a brincar no jardim
com o «pierrot»
o palhaço, o cavalo, a bola, o Arlequim,
a caixa dos soldados e o «pó-pó»;
vá...
vamos lá...

(aconchegando-o): — assim...
Bem deitadinho! «Ó-ó»...
«Ó-ó»... «Ó-ó»!... Já está.

«Titó» adormeceu. A avózinha retira em bicos de
pés. Desce o primeiro pano e conjuntamente o segundo
que torna a subir, deixando, por fundo, o primeiro que é
uma simples cortina de veludo azul com estrelinhas bor-
dadas a ouro.

PROLOGO

O ANJO DA GUARDA DE TITÓ — (de braços nus,
túnica de gase e grandes asas de arminho).

— Meninas e meninos que me ouvís:
adormeceu Titó;
e a dormir é feliz.

Sei o que sonha! Sonha que está só,
brincando, em pleno dia,
com seus bonitos, os bonitos todos
que lhe ofreceram hoje.

Saltita, voa, foge
a sua fantasia;
pelos modos
mais leve do que o vento,
O pensamento
é assim!

Sou o Anjo da Guarda de Titó
o Anjo bom que toda a gente tem;
uma terceira avó,
uma segunda Mãe!

Sua imaginação, tudo o que pensa
a sua Vida ímensa
dá vida ao que a não tem!

Vou mostrar-vos o Sonho que éle sonha
sobre a arrendada fronha
do seu berço.

Ides ver
seus bonitos a mexer,
a andarem,
a falarem
como gente,
pois sua Imaginação,
privilegiada,
tem o excelso condão,
omnipotente,
de criar uma vida e um universo
novos, talvez um mundo bem diverso
daquele que habitais!

Prestai, pois, atenção
e não façais
barulho algum; ai não,
senão
pode acordar!

Atenção, atenção:

— O Sonho de Titó vai principiar!

Fim do Prólogo

NO PROXIMO NUMERO

O PRIMEIRO e ÚNICO ACTO
DE

O Sonho de Titó

Uma história do «Pim, Pam, Pum»

Por TOUTINEGRA

Desenhos de CASTANE

ARNALDO é filho de pais pobres. Tem já catorze anos, e apenas o exame de instrução primária. Aguarda uma colocação que dificilmente conseguirá obter, dada a crise actual.

Em casa passava o tempo muito aborrecido, pois detestava ler. Seus pais bem o aconselhavam:—Lê, meu filho! A leitura deve instruir-te; faze por não esquecer o que aprendeste. Mas isso sim! Toda a leitura o aborrecia. O seu prazer consistia em andar na rua, brincando com os outros garotos, jogando o «foot-ball», lutando, fazendo corridas, etc. Isto desgostava os pais, por verem bem que o filho só cuidava de cultivar o corpo, deixando o espírito inculto, quando não deve assim ser. A's vezes proibiam-no terminantemente de sair. Ele, então, tentava ler, mas depressa se enfadava e, muito aborrecido, a custo reprimia as lágrimas. Certo dia em que o obrigaram a ficar em casa, sua mãe, precisando de umas coisas da mercearia, pediu-lhe que as fosse buscar, recomendando-lhe que não se demorasse. Arnaldo, não sem resmungar, lá foi. Ao virar de uma esquina encontrou um grupo de rapazes da sua idade, que iam organizar uma corrida pedestre e que o convidaram. Ele, perante isto, tudo esqueceu. Por fim, lembrando-se da incumbência da mãe, foi a correr à mercearia, dende já quasi noite, voltou para casa. Ao chegar lá, o pai inteirado do que ele havia feito, quiz castigá-lo mas a mãe meteu-se de premeio, conseguindo levá-lo para o quarto, sem que este lhe batesse. Ai, Arnaldo estava muito aborrecido. A seu lado encontrava-se um exemplar do jornal «O Século» e, distraidamente, abriu-o. Numa folha solta, viu uns engraçados bonecos expressivos e coloridos que lhe despertaram a atenção; era o suplemento infantil. Começou a ler uma história e... caso raro, chegou ao fim. Neste instante a

mãe trazia-lhe o jantar e ele, assim que ela taniu, ficou pensativo enquanto dos olhos lhe caíam lágrimas. Eis o tema da história que ele acabava de ler:

«Amôr de Mãe

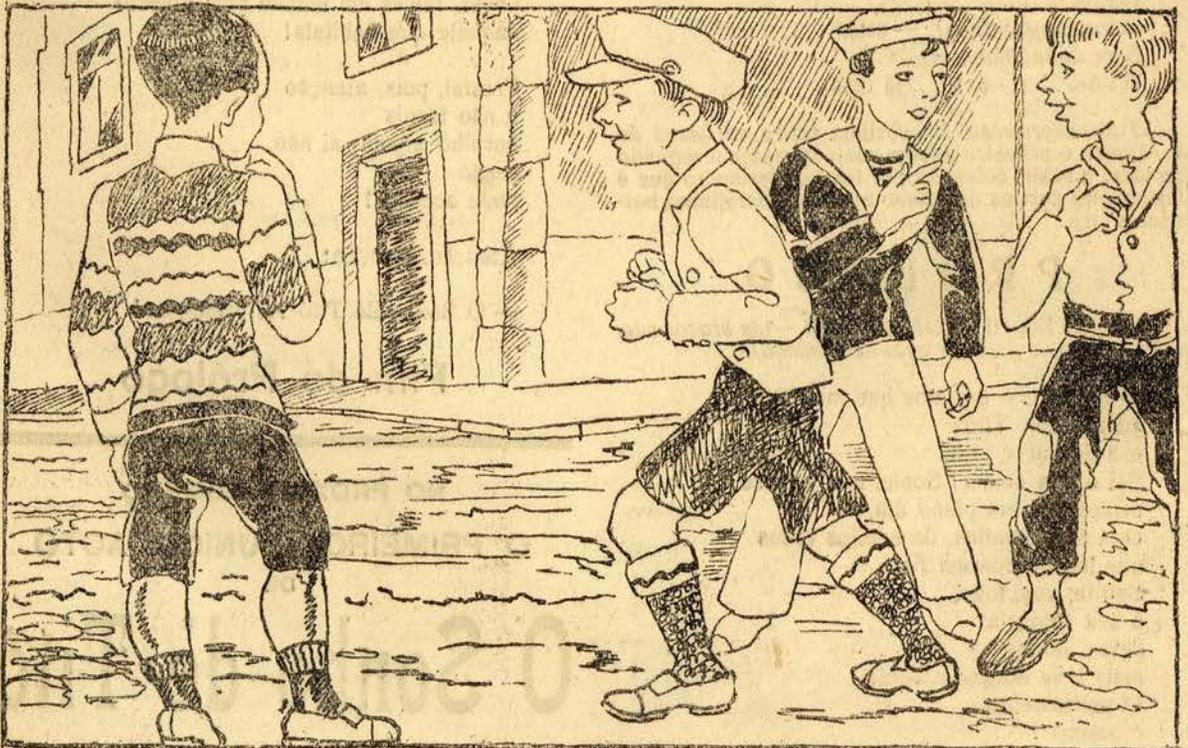
José era um menino aleijado, doente e pobre. Sua mãe cançava-se a trabalhar e humilhava-se a mendigar, para que coisa alguma faltasse ao seu filhinho. Isto, porém, não o impedia de se julgar o mais infeliz dos entes, e de invejar a sorte de todos os outros meninos.

Uma tarde, estando ele sentado à sombra de um sobreiro, viu passar, na estrada próxima, um lindo automóvel. Atendendo à sua curiosidade, dirigiu-se para lá. A porta do carro abriu-se e desceu d'ele um menino, mais ou menos da sua idade, ricamente vestido mas também aleijadinho. Ao vê-lo, o menino rico, notando que a mesma infelicidade os atingia, perguntou-lhe:—«Como te chamas?»—José, respondeu este. E logo o outro continuou:—Como eu, és aleijado. José, contudo, atalhou logo:—Mas, como o menino, não sou rico.

—Talvez sejas mais do que eu, volveu-lhe o outro; tens pais?

—Tenho mãe.—Então Deus ta conserve! Afinal, és bem mais rico do que eu, porque sou órfão. José calou-se, mas, filando o belo carro do menino rico, uma idéa lhe ocorreu e tão violentamente que não pôde deixar de a manifestar:—Se se pudesse trocar, (disse) eu dava-lhe a minha mãe e o menino a sua riqueza!

Victor, assim se chamava o menino rico, quando tal ouviu ficou extático mas, recebendo a serenidade, entrou no



carro e durante algum tempo falou confidencialmente com um sujeito de barba branca, que era o seu preceptor.

Quando saiu novamente, chamou José e disse-lhe: — Se queres, sobe para o meu carro. Irás viver a minha vida por todo o tempo que quizeres; eu ficarei para participar, com ela, da vida da tua mãe.

José, louco de alegria, nem sequer vacilou; subiu logo para o carro que partiu a grande velocidade.

Durante uns tempos foi feliz. Os encantos da sua nova vida nem lhe davam tempo para pensar na mãe mas, pela continuação, tudo deixou de ser novidade e começou a aborrecer-se.

Um dia constipou-se e, na cama, a-pesar de rodeado por todo o conforto, começou a recordar saudosamente o carinho com que a mãe o tratava e o bem que lhe sabia o embrulho de rebuçados que, só naquelas ocasiões, a mãe lhe levava. Os criados, nas suas costas, troçavam-lhe os defei-



tos físicos e era necessário chamá-los, pois nunca tinham o cuidado de aparecerem a horas. Por fim, reconsiderando assim que melhorou, José voltou para junto da mãe que, esquecendo, (as mães perdoam sempre) quanto ele lóra ingrato, o recebeu de braços abertos, chorando e pedindo para êle todas as bênçãos do céu».

Arnaldo acabara de comer. Leu o resto do «Pim-Pam-Pum», achando-o interessantissimo e prometeu a si mesmo começar a obedecer aos pais, que êle via agora serem os seus melhores amigos. Começou a ler alguns livros uteis e todas as quintas-feiras compra «O Século» para ler o suplemento infantil, de ponta a ponta, encontrando nêle, além de um prazer espiritual, belos exemplos e conselhos, que faz por aproveitar.

Além dos nossos pais são os livros os nossos melhores amigos.



PARA OS MENINOS COLORIREM



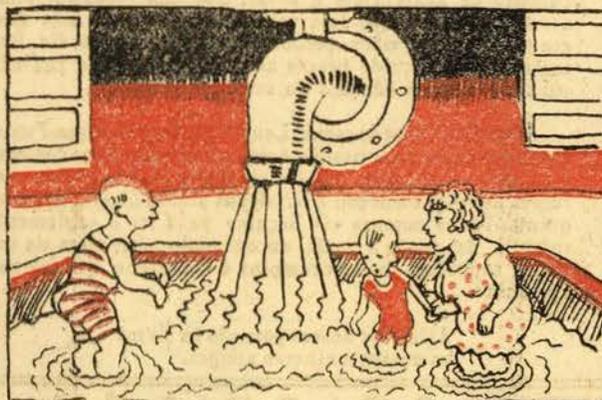
Presunção castigada



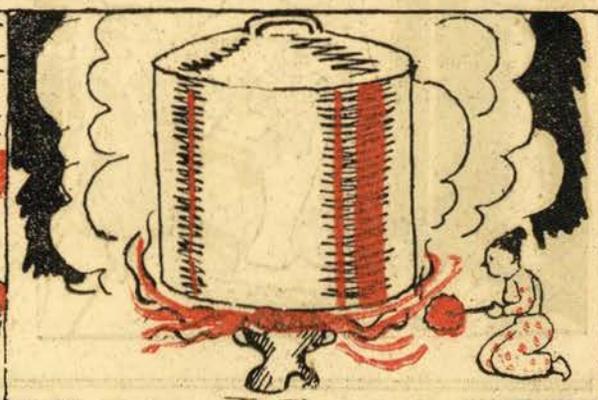
I — A família Brás Lavoura é bastante presunçosa; principalmente a senhora que se chama D. Rosa.



II — Certo dia a D. Aldinha, de regresso duma terma, foi visitar a vizinha D. Rosa, um pouco enferma.



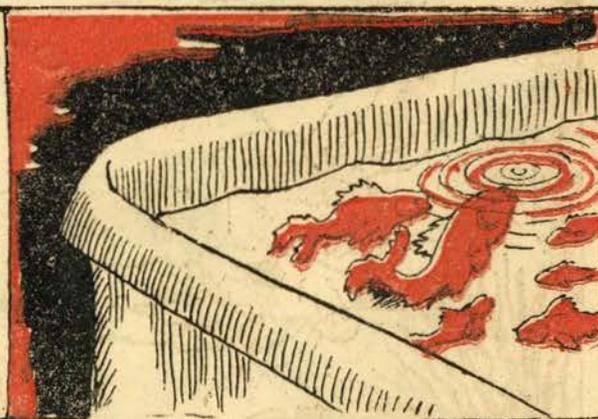
III — Ouvindo-a falar em banhos, volve esta, de olhos em brasa: — «nós, a-pesar-de em Paranhos, tomamos banhos em casa.



IV — Até quando o tempo esfria, aquece água a cozinheira, para termos, dia a dia, água quente na banheira.»



V — Carlitos, que estava perto, ouvindo a mãe dizer tal, exclama, ladino e esperto, embora sem ser por mal:



VI — «Se passas a deitar lá, água a ferver em cachão, matas os peixes que há já mais de dois anos lá estão!»